Capítulo XIII — O paganismo e as artes

> **Sumário.** Influência do paganismo clássico sobre as artes.

A influência pagã que acabamos de constatar sobre a linguagem devia necessariamente fazer-se sentir nas artes, nova manifestação do pensamento. Ora, há uma arte cristã, como há uma literatura cristã. Nascida no primeiro dia em que o cristianismo celebrou os seus augustos mistérios, seja no cenáculo de Jerusalém, seja nas catacumbas de Roma, deixou por toda parte vestígios da sua existência. Desenvolvida com o tempo, havia atingido, muito antes do século XV, alto grau de perfeição. A Idade Média vira o movimento artístico mais prodigioso de que a história de qualquer povo faça menção.

No começo do século XI, o mundo cristão quase inteiro, mas principalmente a Itália e as Gálias, tomado de repente de um entusiasmo divino, pôs-se a renovar as suas antigas basílicas, embora a maioria estivesse em estado conveniente de riqueza e conservação. Estabeleceu-se uma sublime rivalidade entre os povos a quem ergueria os mais magníficos monumentos. As frotas dos pisanos, dos genoveses e dos venezianos sulcavam todos os mares, visitavam todas as ilhas para trazer o alabastro, o pórfiro e os mármores mais raros. Jamais os romanos fizeram correr, para construir os seus gigantescos edifícios, as suas estradas, os seus aquedutos, as suas naumáquias, os seus circos e os seus anfiteatros, rios de ouro tão abundantes quanto os que os nossos religiosos antepassados fizeram correr para edificar e ornar as suas catedrais. Dir-se-ia que o próprio mundo, sacudindo as suas antigas vestes, se apressava a cobrir-se, como de um manto de glória, de igrejas, de basílicas cintilantes de azul, de ouro e de púrpura.[1] O mesmo movimento continuou durante os três séculos seguintes.

No fim desse glorioso período, a Europa aparece aos olhares deslumbrados resplandecente de obras-primas de arquitetura, de escultura, de mosaico, de pintura, de cinzel que podemos admirar, mas que jamais igualaremos. Com efeito, enquanto o gênio da fé, personificado na Itália, na França, na Inglaterra, na Alemanha, numa multidão de grandes homens desconhecidos, lançava aos ares essas catedrais de proporções gigantescas e perfeitamente harmoniosas, animava com o seu sopro divino o escultor que recortava em renda as miríades de agulhas cuja ponta esguia parecia levar a oração até o céu, e depois fazia brotar da pedra e do mármore povos inteiros de estátuas que, para instruir o peregrino da vida, lhe punham de novo diante dos olhos as augustas, as formidáveis realidades do mundo futuro, os combates e os triunfos dos que o haviam precedido na peregrinação do tempo para a eternidade.

Conduzido pela mão imortal de Cimabue, de Pisano, de Giotto e de muitos outros, o pincel católico escrevia nas paredes das basílicas, por vezes nos muros das mais humildes capelas, a maravilhosa epopeia do cristianismo e elevava a arte a uma perfeição desesperadora. O mosaicista esmaltava como um canteiro o pavimento e a abóbada do templo com flores imortais e desenhos de mil cores; o cinzelador gravava nos vasos sagrados ou os mistérios do Homem-Deus, ou a vida dos santos, ou os emblemas das virtudes; o vidraceiro, o ourives, o bordador rivalizavam em zelo e êxito, de sorte que mal se encontrava uma humilde igreja, um pobre mosteiro que não encerrasse algum precioso objeto de arte. Numa palavra, graças ao cristianismo, agindo então na plenitude do seu poder, a Europa foi um verdadeiro museu, mas um museu casto, moral, onde a arte, tornada o que deve ser, um sacerdócio, traduzira em obras-primas de todo gênero o princípio espiritualista que a inspirava.

Estava-se nisso quando o paganismo clássico invadiu a Europa. Ora, é da natureza das coisas que as artes recebam o impulso da literatura e caminhem na sua via. Tornada pagã, a literatura comunicou, pois, às artes uma direção pagã. A pintura foi a primeira a prestar o seu concurso a essa feliz restauração do paganismo no seio das nações cristãs. Nessa época, pela primeira vez, o pincel do pintor, que a religião consagrara quase exclusivamente a escrever as coisas santas, foi prostituído a reproduzir as divindades e os fatos mitológicos na tela, nos muros e até nos lambris dos palácios. Das moradas dos grandes viram-se desaparecer os quadros religiosos para dar lugar às infâmias da fábula.

Para ter uma ideia da licença e da impudente obscenidade das pinturas feitas nessa época, basta dizer que os deuses e as deusas do Olimpo, em estado de completa nudez e nas atitudes mais lúbricas, ornam as galerias das casas principescas, a tal ponto que os olhos menos castos não podem olhá-las sem que a fronte enrubesça. É por isso, sem dúvida, que o acesso a essas galerias não é permitido a todos, mas somente às pessoas de classe elevada e somente nos dias de recepção: sem dúvida porque, nesses dias e para tais pessoas, esses quadros nada têm que possa ferir o pudor!

Não bastou encher as casas de Vênus, de Ninfas, de prostitutas; a licença da arte, tornada pagã, chegou a conspurcar a santidade dos templos do verdadeiro Deus. A antiguidade cristã sempre vestira com túnicas e roupagens elegantes os anjos, representados na atitude de um pudor todo celeste; nesse século despiram-nos completamente e apresentaram-nos aos olhos dos fiéis sob a forma de gênios pagãos. Foi-se ainda mais longe ao pintar os santos e as virtudes. Homens e mulheres seminus, tais foram os santos, as santas, as virtudes que se ofereceram à veneração dos cristãos.

Entre milhares de exemplos, citarei apenas um, o *Juízo Final* de Miguel Ângelo. Nesse quadro, onde a carne domina muito mais que o espírito, onde a nudez dos membros apaga a ideia cristã, admira-se a habilidade do pintor, o vigor do seu pincel, o poder do seu gênio, mas o sentimento cristão quase não se encontra ali, e a piedade menos ainda. Como, por exemplo, habituar-se à ideia de que o supremo juiz dos vivos e dos mortos tenha o ar irritado de um simples mortal, a atitude convulsa de Júpiter lançando o raio ou de Netuno repreendendo as ondas? Nessa falta de verdade transparece a influência do mito olímpico sobre o gênio do artista cristão.

O próprio Rafael foi arrastado pela torrente. O admirável talento que recebera do céu para pregar o espiritualismo cristão, prostituiu-o com demasiada frequência ao sensualismo pagão. Primeiro não se envergonhou de reproduzir, não sei quantas vezes, a mais infame das deusas; depois de conspurcar os seus quadros religiosos, mesmo os mais estimados, com figuras de cortesãs. O mesmo se dá com Ticiano, com Júlio Romano e com todos os outros pintores discípulos da Renascença. Para julgar de um só golpe de vista a desastrosa influência do paganismo sobre a pintura, basta visitar a galeria do palácio Pitti em Florença. Aqui começou o sensualismo pagão; aqui, para consagrar de algum modo as lembranças do seu berço, reuniu a maior parte das obras capitais devidas à sua inspiração. Veem-se com os olhos, tocam-se com as mãos esta verdade: que a Renascença foi na pintura o que foi na literatura: o culto da forma e o apostolado do sensualismo.

Esse templo da pintura divide-se em quinze capelas ou salões. Nenhum recebeu denominação cristã; três têm nomes insignificantes: salões della Stufa, das Crianças, dos Poccetti. Os outros doze trazem o nome de uma divindade pagã ou de um semideus: salão de Vênus, salão de Apolo, salão de Marte, salão de Júpiter, salão de Saturno, salão da Ilíada, salão da Educação de Júpiter, salão de Ulisses voltando a Ítaca, salão de Prometeu, salão da Justiça, salão de Flora, salão da Música. Por temor de que se engane sobre o pensamento que presidiu a esses arranjos e a essas denominações, esses últimos salões são os mais magníficos; o salão de Vênus é o primeiro. Cada divindade tutelar está pintada na abóbada do seu salão com os seus castos atributos ou no cumprimento de alguns fatos mitológicos, todos mais próprios uns que os outros para inspirar pensamentos celestes. Abaixo, nas quatro paredes do santuário, vedes brilhar os quadros dos grandes mestres da Renascença. Dir-se-iam ex-votos que testemunham o reconhecimento dos artistas para com o deus ou a deusa em cuja inspiração parecem declarar-se devedores das obras do seu pincel.

Atrevo-me a desafiar que se encontre tradução mais literal do pensamento artístico no século XVI do que todo esse espetáculo tão perfeitamente pagão; testemunho mais irrecusável da aliança adúltera da pintura e do paganismo consumada nessa época. A galeria de Florença não diz ao jovem artista, obrigado a visitá-la como o aprendiz é obrigado a fazer o seu giro pela França:

> *Levanta os olhos para a abóbada dos meus salões; eis os deuses da pintura, eis os que inspiraram as obras-primas que brilham a seus pés. Não tens que procurar no céu dos cristãos inspirações e modelos: o Olimpo te basta, o caminho te é aberto pelos vestígios luminosos dos grandes mestres; trabalha, imita, espera.*

E que deve ele imitar? O que tem diante dos olhos? E que tem diante dos olhos? Quadros que se dividem em duas grandes classes: os assuntos profanos e os assuntos religiosos.

Os primeiros são tratados pelos mestres com uma perfeição que lembra certos afrescos de Pompeia: vê-se que foram pintados com verve. Há figura diante da qual o cirurgião pode fazer um curso de anatomia. A suavidade, a força, o brilho, as mais delicadas nuanças da carnação; as

fibras, os nervos, os músculos, os menores tendões; o jogo complexo dos órgãos, a sua dilatação ou contração, segundo a impressão natural do prazer ou da dor: nada falta. A todas essas qualidades juntam-se a regularidade das proporções, o irrepreensível natural das poses, a beleza arrebatadora do colorido; a forma material e a sensação física acham-se expressas com uma perfeição desesperadora.

Quanto aos assuntos religiosos, adivinha-se o que podem ser: o pintor os fez à sua imagem, como ele mesmo se fizera à imagem dos modelos pagãos e profanos. A forma material nada ou quase nada deixa a desejar. Tendes belos homens e belas mulheres, Graças, Ninfas, deusas; mas santos e santas pouco ou nenhum. Descobris, mesmo involuntariamente, nos santos, nas santas, nos mártires, nos anjos, um ar de família com Apolo, Júpiter, as Musas, os heróis e as heroínas da antiguidade que vos torna palpável a inspiração pagã. Procura-se o céu, só se encontra o Olimpo: o olho admira; mas o coração não reza. Toda uma ordem de sentimentos, de ideias, de imagens, depositada em nós pela religião e que compõe o fundo do nosso ser sobrenatural, fica sem tradução. O pintor não nos compreende; o seu idioma não é o nosso: ele fala carne e nós falamos espírito.

Ser muda para o espiritualismo é o primeiro infortúnio da pintura, aluna da Renascença; como a primeira censura que se lhe deve fazer é ter-se tornado o mais perigoso apóstolo do sensualismo. Merece outra muito mais grave. Antes do seu divórcio, não pintava o nu. Isso por duas razões: a primeira, porque a religião cristã, essencialmente espiritualista e moral, o proíbe. Ora, a pintura, filha dócil da sua casta mãe, levava-se a sério e olhava-se como um sacerdócio destinado a traduzir uma ordem de ideias, de sentimentos e de belezas superior aos sentidos. A segunda, consequência da primeira, porque a pintura do nu não era de modo algum necessária à perfeição da arte católica. Procurava-se exclusivamente exprimir a beleza espiritual, a única cuja vista eleva acima dos sentidos. Ora, essa beleza reflete-se unicamente nos olhos e nos traços do rosto. Daí a incomparável pureza das figuras e o tipo verdadeiramente divino que distinguem as obras dos grandes mestres anteriores à Renascença. Vê-se que essa parte absorvia os seus cuidados e o seu talento. Todo o resto, considerado acessório, é tratado com certo descuido que se tornou o eterno assunto de censuras levadas até a injustiça.

Essa dignidade, essa santa missão da arte foi desconhecida pelos novos artistas. Formados na escola do paganismo, só viram habitualmente a beleza material e, para fazê-la ressaltar, pintaram o nu, e pintaram-no, os infelizes!, com uma abundância e uma desfaçatez que faz baixar os olhos à virtude e que cobrirá sempre de rubor a fronte menos pudica. É isso um progresso? É esse o legítimo uso da arte? Não é a sua profanação? Deu Deus ao homem o gênio para corromper mais habilmente?

Sob a influência do paganismo, a pintura deixa, pois, salvas honrosas exceções, de ser a língua do espiritualismo para tornar-se a língua do sensualismo. Quanto ao fundo, perdeu infinitamente mais do que ganhou com a revolução do século XV. Quanto à forma, poder-se-ia provar que, permanecendo católica, a arte não teria atingido essa correção de desenho, essa regularidade de traços, essa perfeição de pose, de roupagens e outros acessórios que a Renascença se gloria de lhe haver dado, e que a experiência lhe teria dado sem ela? Quem pode mais, pode menos. A arte católica elevara-se até a beleza ideal e sobrenatural: um pouco de prática lhe teria dado o segredo

da beleza sensível, cujos modelos são palpáveis. Podem-se citar como prova as obras-primas de Giotto, do B. Angélico, de Gaddi e de muitos outros. A capela dos Espanhóis, em Roma, possui várias figuras antigas tão belas de estilo e expressão quanto as de Rafael, e os pensamentos são mais profundos, as concepções mais vastas. A madona de santa Maria in Cosmedin; Nosso Senhor, na igreja dos santos Cosme e Damião no Fórum, são admiráveis em todos os pontos: tal é a majestade das figuras que Miguel Ângelo, Rafael e todos os pintores que os seguiram jamais puderam alcançá-la.

Notas

[1] *Infra millesimum tertio jam fere imminente anno contigit in universo pene terrarum orbe, præcipue tamen in Italia et in Galliis, innovari ecclesiarum basilicas, licet pleræque decenter locatæ minime indiguissent, æmulabatur tamen unaquæque gens christicolarum adversus alteram quo decentior foret. Erat enim instar, ac si mundus ipse excutiendo semet, rejecta vetustate, passim candidam ecclesiarum vestem indueret.* [Quando já se aproximava o terceiro ano depois do milésimo, aconteceu, em quase todo o orbe da terra, mas sobretudo na Itália e nas Gálias, renovarem-se as basílicas das igrejas, embora a maioria, bem situadas, de modo algum necessitasse; cada nação de cristãos rivalizava contudo com a outra para que a sua fosse mais bela. Era como se o próprio mundo, sacudindo-se e rejeitando a velhice, se revestisse por toda parte do alvo manto das igrejas.] Rodolfo Glaber, em Muratori, *Antiquit. Ital.*, t. IV, p. 828.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:29 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:29 by Admin